

RELAÇÕES DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE

Josiane de Fátima Daniel Cardoso¹

Monica Franchi Carniello²

Adriana Leônidas de Oliveira³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre geração de emprego e conflitos trabalhistas, tendo como referência 08 municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba - Sub-região 1, que dispõe de um amplo polo industrial, automobilístico e mecânico, com recorte temporal de 2010 a 2014. Trata-se de uma pesquisa exploratória e documental, de abordagem quantitativa, desenvolvida a partir da análise de dados dos municípios, obtidos através dos sites do Ministério do Trabalho e Emprego- CAGED- Cadastro Geral de Empregados, e do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com base na evolução dos indicadores direcionados ao mercado de trabalho da região (taxa de desemprego, evolução do emprego, percentual de processos trabalhistas), constatou-se que as relações de trabalho na indústria na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, devido às mudanças estruturais, contribuíram para o aumento do desemprego, gerando conflitos trabalhistas. Conclui-se que devido às

Recebimento: 24/4/2016 - Aceite: 30/4/2016

¹ Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional. Universidade de Taubaté. E-mail: josiane.rainha@yahoo.com.br

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC SP) / Professora Assistente Doutor - Universidade de Taubaté e Professora da Faculdade de Tecnologia (FATEC) Pindamonhangaba. E-mail: monicafcarniello@gmail.com.br

³ Doutora em Psicologia (PUC-SP) e com Pós-Doutorado em Administração de Empresas (EAESP-FGV). Professora Assistente Doutor - Universidade de Taubaté E-mail: adrianaleonidas@uol.com.br

mudanças na organização do processo produtivo e do trabalho, a terceirização e a multifuncionalidade despontam como tendências futuras nas empresas, assim como a Economia Solidária, que é vista como uma alternativa frente às transformações no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho; Relações de Trabalho; Indústria de Transformação

INDUSTRIAL LABOR RELATIONS IN THE VALE DO PARAÍBA METROPOLITAN REGION

Abstract

The present article seeks to analyze the relationship between the creation of jobs and labor conflicts, taking as a reference eight cities in the Vale do Paraíba Metropolitan Region - Sub-region 1, which is a varied industrial, automotive, and mechanical region, from 2010 to 2014. This is an exploratory and documentary study, with a quantitative approach, developed from the analysis of data from those cities, obtained from the sites of the Ministry of Labor and Employment - CAGED - General Registry of Employees and of the IBGE - the Brazilian Institute of Geography and Statistics. Based on the evolution of indicators directed to the labor market in the region (unemployment rate, evolution of employment, percentage of labor lawsuits), it was found that the industrial labor relations in the Vale do Paraíba Metropolitan Region, due to its structural changes, have contributed to an increase in unemployment, generating labor conflicts. It was concluded that due to changes in the organization of the production and labor processes, outsourcing and multi-functionality appear as future tendencies in the companies, as well as the Solidarity Economy, which is seen as an alternative facing the transformations in the labor market.

Keywords: Labor market; Labor relationships; Processing Industry

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre geração de emprego e conflitos trabalhistas, tendo como referência 08 municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba - Sub-região 1, que dispõe de um amplo polo industrial, automobilístico e mecânico, nos recortes temporais de 2010 a 2014, com base nos dados dos municípios obtidos do site Ministério do Trabalho e Emprego- CAGED- Cadastro Geral de Empregados, e IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nesse cenário, que combina competição intensa entre as empresas, necessidade crescente de recursos humanos altamente qualificados nas organizações e instabilidade das relações de trabalho, a preocupação com os aspectos que afetam a motivação e o comprometimento da força de trabalho ganha proeminência. O cenário empresarial e o ambiente regulatório trabalhista estão cada vez mais complexos, o que se reflete diretamente nas Relações do Trabalho, exigindo constantes atualizações das políticas de uma organização.

Isso significa que cada vez mais as empresas devem ficar atentas quanto à adoção de práticas corporativas pautadas na ética, na observância da Legislação Trabalhista e, não menos importante, de práticas voltadas à melhoria no processo de Gestão de Pessoas, pois muitos dos conflitos nascem de problemas de relacionamentos entre colegas de trabalho, principalmente, entre subordinados e liderados e, ao final, deságuam no Judiciário Trabalhista.

Este artigo apresenta-se organizado em seções. Na primeira, abordam-se os conceitos de mercado de trabalho, a fim de relacioná-lo no contexto proposto, e posteriormente se analisa sua influência nas relações de trabalho, considerando as mudanças do emprego.

Na segunda seção apresenta-se o método utilizado, e na terceira seção os resultados são apresentados e discutidos de forma analítica e reflexiva, finalizando-se com as considerações finais.

Referencial Teórico

Mercado de Trabalho

Os impactos das transformações pelas quais vem passando o mundo, do ponto de vista econômico, tecnológico, político e social, tem levado a mudanças na estrutura ocupacional e deslocamentos setoriais. Ocupações desaparecem, outras são reformuladas e novas são criadas. Diante de tantas mudanças o emprego também passa por redefinições profundas, pois é

sendo comum a interpretação que a economia global mudou, as empresas mudaram e o emprego também.

A crise atingiu empregados e empregados. Segundo Pochmann (2000), o agravamento da crise econômica aumentou a concorrência e o processo de reestruturação das empresas, com consequência na economia em geral e principalmente no mercado de trabalho. Esse autor aponta que as teorias fluentes da década de 1970, acreditavam que quanto mais desregulado e flexível fosse o mercado de trabalho, mais empenhado ele seria com a criação de empregos.

Na busca da sobrevivência mediante as condições restritivas do mercado de trabalho, os trabalhadores acometidos pelo desemprego estrutural inserem-se no mercado informal em ocupações precárias, sazonais e semiclandestinas, como vendedores ambulantes, guardadores de carro em vias públicas, limpadores de para-brisa de carros, lavadores de carros em locais públicos; e outros que encontram trabalho na própria comunidade, a partir das relações de vizinhança e da vinculação a grupos produtivos (NISHIMURA, 2005).

Conforme Pochmann (2000) divide os trabalhadores de uma forma diferente, a sociedade dos incluídos e dos excluídos. No primeiro encontram-se os trabalhadores com ocupação regular e de qualidade e os precariamente incluídos no subemprego e parciais, no segundo os trabalhadores sem emprego, isto é, desempregados.

Pochmann (2000) concorda que a taxa de rotatividade no trabalho precário é alta, devido à flexibilidade e à facilidade de rompimento dos contratos de trabalho, e menor tempo de permanência dos empregados na mesma empresa. Esse fato indica pouca confiança e envolvimento entre as partes. Por parte do empregador as relações são de autoritarismo e controle quase absoluto. A flexibilidade do mercado de trabalho inibe a formalidade no emprego, não incentiva o treinamento de desenvolvimento dos trabalhadores pelos empregados. O que sobra como alternativa é a constante seleção de mão de obra melhor qualificada e demissão dos não qualificados.

A globalização econômica faz com que o mundo se torne um só mercado, dessa forma, há a necessidade de constante adaptação e revisão do que está acontecendo. As mudanças ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado, seja no âmbito da natureza, da ciência e da tecnologia, e produz um profundo impacto no espaço, nas diferentes escalas (local, nacional, regional e internacional), pois a reestruturação espacial da sociedade via redefinição da divisão territorial do trabalho imposta pelo processo de globalização econômica cria novos espaços de produção, consumo e lazer. Nesse sentido, a reestruturação produtiva do capital “[...] implica fluxo e

transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança” (SOJA, 1993, p.194).

Segundo Pochmann (2001), o aumento do desemprego reflete a incapacidade da economia brasileira de gerar expressivos postos de trabalho. Dessa forma, o desemprego estrutural ocorre porque os que são vítimas da desindustrialização, em geral, não têm pronto acesso aos novos postos de trabalho, é semelhante em seus efeitos ao desemprego tecnológico: ele não aumenta necessariamente o número total de pessoas sem trabalho, mas contribui para deteriorar o mercado de trabalho para quem precisa vender sua capacidade de produzir.

Pochmann (2000) explica o motivo do crescimento da precarização e sugere uma solução para freá-lo. Afirma que quanto mais desregulamentado o mercado de trabalho, maior é a tendência de crescimento da precarização e menores as chances de aumento de vagas no mercado de trabalho, o que torna urgente a democratização das relações de trabalho.

Método

Segundo Severino (2007, p.123), “a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho e mapeando as condições de manifestação desse objeto”. No caso deste artigo, trata-se de pesquisa exploratória de cunho quantitativo, em que se busca analisar a relação entre geração de emprego e conflitos trabalhistas, tendo como referência 08 municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba - Sub-região 1 (Caçapava, Igaratá, Jacareí, Pindamonhangaba, Santa Branca, São José dos Campos, Taubaté e Tremembé), que dispõe de um amplo polo industrial, automobilístico e mecânico. O recorte temporal foi de 2010 a 2014. A indústria de transformação foi a responsável pelo maior número de vagas formais de trabalho fechadas em agosto de 2015, segundo CAGED.

A pesquisa utiliza o delineamento documental, com a coleta e análise de dados obtidos através do site Ministério do Trabalho e Emprego - CAGED- Cadastro Geral de Empregados e do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o indicador CAGED fornece informações propícias à tomada de decisão no âmbito de qualificação profissional, pois, relata a quantidade de trabalhadores que foram admitidos e desligados mensalmente, além de apontar o saldo entre esses dois fatores, o que pode indicar aquecimento ou recessão do mercado de trabalho. No site do IBGE temos a pesquisa mensal do emprego e o

Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, com os processos trabalhistas das maiores indústrias nesta Região.

Resultados e discussão

Um dos grandes paradigmas acerca do desenvolvimento regional está direcionado às estratégias que deverão ser utilizadas para atração de investimentos locais e regionais, a fim de aproveitar os potenciais recursos que determinado território possui.

Segundo Santos (2008), os atores hegemônicos somente se instalam e promovem suas atividades no território, diante das virtualidades do lugar. Dessa maneira, analisar a estrutura territorial da região se torna primordial para criação de estratégias de atração empresarial e geração de empregos regionais. Logo, a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, criada em 09 de Janeiro de 2012, possui 16.178 Km², ocupando a área de 6,52% do Estado de São Paulo. Fazem parte da região 39 municípios, organizados em 5 sub-regiões. Seu PIB segundo a Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano é de 55,6 bilhões de Reais.

A Figura 1 apresenta os municípios membros, alocados entre as cinco sub-regiões.

1: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambuí, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos. 2: Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé. 3: Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira. Quatro: Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras. 5: Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba. (Secretaria do Desenvolvimento Metropolitano, 2012 p.19)

Figura1: Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte

Fonte: Emplasa, (2015).

Nesse compêndio, os subgrupos que compõem a região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, possuem arquétipos mercadológicos distintos e que devem ser analisados sob a óptica regional, abordando suas principais virtualidades na premissa que não existem espaços globais, mas espaços de globalização (SANTOS, 2008, p.269).

A **sub-região 1** aglutina ramos automobilísticos, mecânico, pesquisas científicas e tecnológicas no campo aeroespacial, além de turismos rural, cultural e de negócios. Semelhante ao padrão de ocupação da sub-região 1 a **sub-região 2** apresenta economias mais diversificadas e dinâmicas, cujos setores de destaque são automobilístico, alimentício e químico, além do turismo de inverno, artesanato, festas religiosas e ecoturismo. Na **sub-região 3** o segmento de destaque é o turismo religioso, sendo que na **4** a economia gira em torno da indústria, comércio e turismo rural, histórico cultural e ecoturismo. E a **sub-região 5** com alto poder de atração da função de veraneio associado à função ecológica e de pesquisa, além de ser considerada a terceira melhor região portuária do mundo. (SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO PAULISTA, 2012).

A situação geográfica da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, localizada entre os dois maiores centros produtores e consumidores do Brasil, e as facilidades de comunicação (Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra) foram fatores decisivos para a industrialização e o avanço tecnológico do Vale do Paraíba. Merece destaque a presença de empresas de ponta dos setores automobilístico, aeroespacial, petrolífero e farmacêutico, e os polos científico e tecnológico, reunindo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). O turismo é, sem dúvida, outro fator de competitividade nacional na disputa por investimentos. É uma das atividades econômicas que mais crescem no mundo e, por ser um mercado altamente promissor, possibilita inúmeras opções de trabalho, gerando empregos, divisas e movimentando milhões de dólares. Na Figura 2 observam-se dados da Sub-Região 1.

Figura2: Dados Gerais da Sub-Região 1

		Caçapava	Igaratá	Jacareí	Jambeiro	Monteiro Lobato	Paraibuna	Santa Branca	S. J. dos Campos	Total	RMVPLN
Área (km²)		369,91	293,32	460,07	183,76	332,74	809,79	275,00	1.099,61	3.824,20	16.179,95
	%	9,67%	7,67%	12,03%	4,81%	8,70%	21,18%	7,19%	28,75%	100,00%	23,64%
População 2010	Abs.	84.752	8.831	211.214	5.349	4.120	17.388	13.763	629.921	975.338	2.265
	%	8,69%	0,91%	21,66%	0,55%	0,42%	1,78%	1,41%	64,58%	100,00%	43,07%
Domicílios 2010	Abs.	29.042,00	4.986,00	73.489,00	2.321,00	2.291,00	8.069,00	6.094,00	214.506,00	340.788,00	883.949,00
	%	8,52%	1,46%	21,56%	0,68%	0,67%	2,36%	1,79%	62,94%	100,00%	38,55%
Densidade Demográfica (Hab / km²)		229,12	30,11	459,09	29,11	12,38	21,47	50,06	572,86	225,04	139,96
	Abs.	85.414	8.873	212.744	5.454	4.159	17.418	13.821	636.876	984.759	2.286
População Estimada BGE 2011	%	8,67%	0,90%	21,60%	0,55%	0,42%	1,77%	1,40%	64,67%	100,00%	43,09%
	Abs.	2.136.769	84.243	4.832.375	741.863	36.360	156.874	136.863	22.018.043	30.143.390	55.584.852
PIB Total (2009 / Mil R\$)	%	7,09%	0,28%	16,03%	2,46%	0,12%	0,52%	0,45%	73,04%	100,00%	54,22%
	Abs.	25.514,57	9.567,63	23.097,54	142.611,11	8.951,26	9.030,80	9.987,80	35.526,50	33.035,90	24.869,55
IDH 2000		0,834	0,764	0,809	0,779	0,775	0,771	0,796	0,849	-	-
IPRS 2008	Grupo IPRS	2	4	1	2	3	4	4	1	-	-
	Riqueza Municipal	56	36	53	56	29	39	39	59	-	64
	Longevidade	68	77	73	69	72	78	78	77	-	74
	Escolaridade	71	67	71	70	68	65	66	72	-	68

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano (2012).

Para Santos (2008, p. 269), “na batalha de permanecer atrativos, os lugares se utilizam de recursos materiais (como estrutura e equipamentos) e imateriais (como os serviços)”. Por essa razão, destacam-se as virtualidades da região, a fim de identificar novos atrativos e segmentos, capazes de estimular o desenvolvimento dessas localidades.

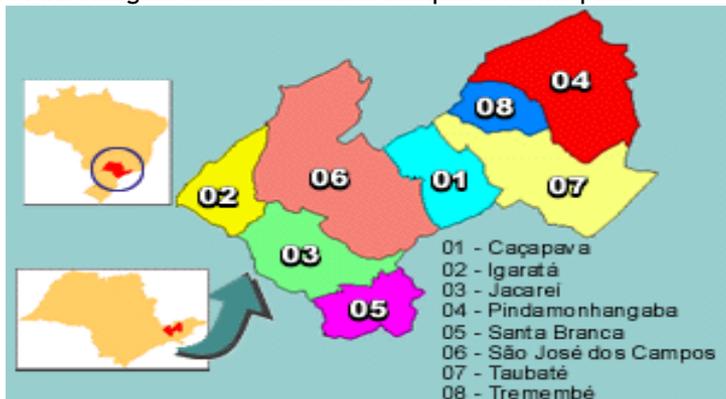
[...] produções aeronáutica, aeroespacial e bélica nos municípios localizados no eixo da Via Dutra, pelas atividades portuária e petroleira, no

Litoral Norte, e pelas atividades ligadas ao turismo. Outras funções relevantes e diferenciais competitivos: Função turística destacada, com alcance nacional; Função veraneio associada à paisagem litorânea privilegiada, com alto poder de atração. Destacadas funções de preservação ambiental e paisagística. Potencial para turismo ecológico e de contemplação. Função portuária estratégica, com forte predomínio no transporte de petróleo e derivados. Produção industrial diversificada, com grande expressão nos setores dinâmicos da economia. Centros de pesquisa e desenvolvimento científico tecnológico, especializados no setor aeroespacial. Oferta diversificada de produtos e serviços de consumo pessoal. Fácil acesso, contando com excelentes Rodovias (Dutra e Ayrton Senna/ Carvalho Pinto). Boa qualidade da água. Boa qualidade do ar. Vantagens comparativas quanto à acessibilidade aos Aeroportos Internacionais de Guarulhos e do Galeão. (SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO 2012, p. 71).

Devido às mudanças ocorridas no mundo do trabalho surgem novas formas de produção, que têm aumentado a flexibilidade do trabalho de diferentes formas por meio de novas atividades incorporadas pelos operários diretos, da rotação entre postos e da participação em grupos de trabalho, o que tem levado a investimentos em treinamentos e à alteração da descrição de cargos no chão da fábrica.

Enfatiza-se que entender o comportamento do mercado de trabalho se faz necessário, para que políticas públicas sejam direcionadas e adequadas às necessidades do mercado regional.

Na Figura 3 observa-se a microrregião de São José dos Campos, que é uma das microrregiões do estado brasileiro de São Paulo pertencente à mesorregião do Paraíba Paulista. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 1.386.456 habitantes e está dividida em oito municípios. Possui uma área total de 4.046.423 Km². Grande centro urbano estadual, dispõe de um amplo polo industrial, entre as principais instituições e empresas ali sediadas, destacam-se o DCTA, Inpe, Cemaden, Embraer, Ambev, General Motors, Ford, Yakult, Petrobras, Volkswagen, Panasonic, LG, Johnson & Johnson, Comil, BASF, AGC, Liebherr, lochpe-Maxion.

Figura 3: Microrregião de São José dos Campos e Municípios

Fonte IBGE (2015).

A Tabela 1 apresenta dados de atuação do setor Industrial na região, considerando que o Ministério do Trabalho utiliza como classificação industrial os subsetores: Indústria de produtos minerais não metálicos; Indústria metalúrgica; mecânica; material elétrico e de comunicação; Indústria do material de transporte ; indústria da madeira e do mobiliário, indústria do papelão, editorial e gráfica; indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares; indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos; indústrias de calçados e indústrias de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico.

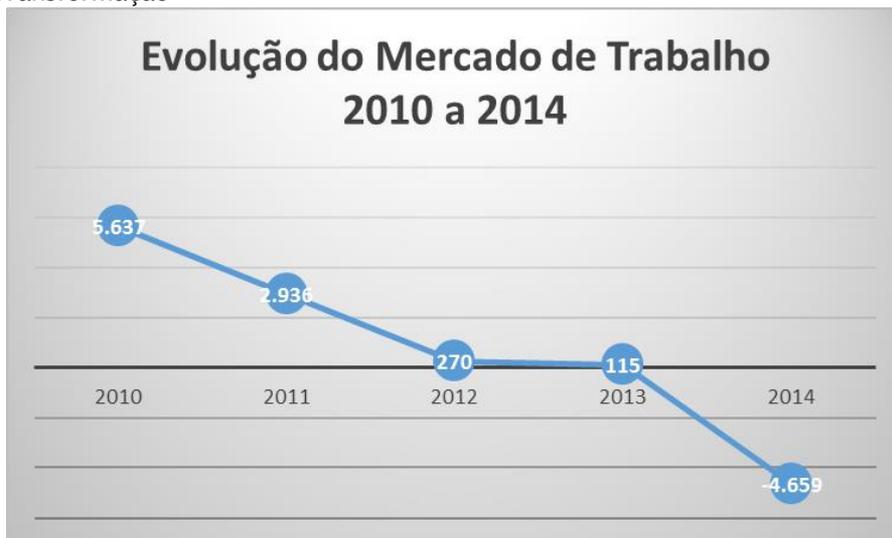
A sub-região 1, composta pelas cidades abaixo relacionadas possuem uma grande influência industrial na região. No entanto, percebe-se nos dados do CAGED de 2010 a 2014 o emprego com carteira assinada teve um saldo positivo de 5.637 empregados formais registrados, fato converso em 2014 com decréscimo de menos 4.659 postos de trabalho registrados. A crise no setor automobilístico foi um dos principais fatores, o que mais chama a atenção a este fenômeno é a velocidade que vem ocorrendo, termos neste período um saldo de 5.637 admissões, e chegarmos a 2014 com saldo negativo de 4.659.

Tabela 1: Indústria de Transformação

CIDADE	2010		2011		2012		2013		2014	
	Admissão	Desligados								
CAÇAPAVA	2805	2268	3046	2737	4012	3282	3619	3156	2517	2750
IGARATÁ	51	33	66	38	81	74	97	73	148	123
JACARÉ	4272	4246	8081	6886	3971	4200	4476	4275	4265	4384
PINDAMONHANGABA	4473	3404	4421	4264	3826	3514	5192	4464	4671	5018
SANTA BRANCA	198	176	259	201	154	294	116	133	138	152
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	11117	8746	12594	12035	9413	10090	10499	11390	8021	9930
TAUBATÉ	6527	4929	6921	6370	7146	6870	6250	6676	4000	6064
TREMEMBÉ	237	241	282	203	248	257	265	232	307	305
TOTAL	29.680	24.043	35.670	32.734	28.851	28.581	30.514	30.399	24.067	28.726

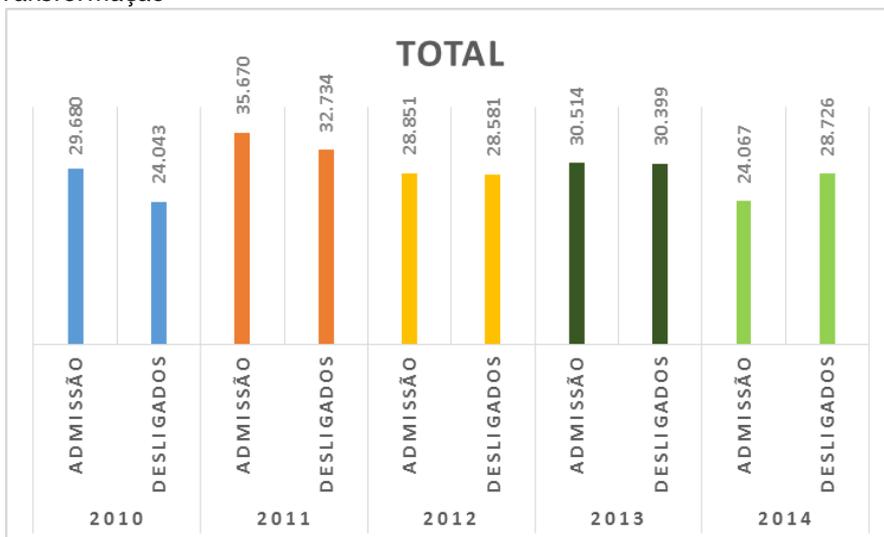
Fonte: Organizado pelo autor a partir dos dados CAGED

Na Figura 4 e Figura 5, observa-se o desempenho de admissão e desligados no período de 2010 a 2014, na indústria de transformação. A queda nesta evolução ocorre muito rápido, gerando grandes impactos ao mercado de trabalho e conflitos nas organizações.

Figura 4: Desempenho na sub-região 1 no segmento Indústria de Transformação

Fonte: Organizada pelo autor a partir dos dados do CAGED

Figura 5: Evolução do Mercado de Trabalho no segmento Indústria de Transformação



Fonte: Organizada pelo autor a partir dos dados do CAGED

Na Figura 6, observa-se o percentual de admissão e desligados no período de 2010 a 2014. A diferença é muito pequena: para admissão 51% e desligados 49%, no segmento da indústria de transformação.

Figura 6: Admitidos e Desligados em porcentagem



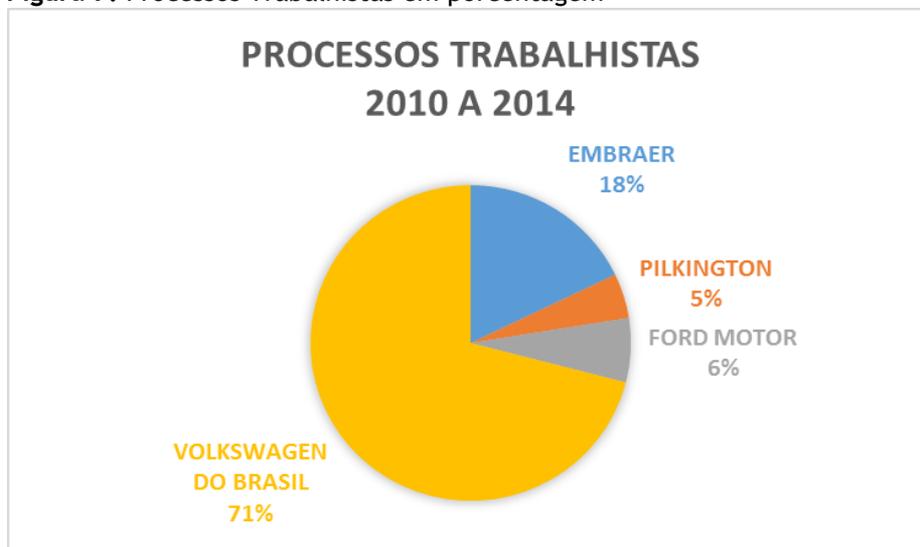
Fonte: Elaborada pelos Autores

Na Tabela 2 e a Figura 7 demonstram o aumento de processos trabalhistas nas empresas deste polo industrial, resultantes dos conflitos nas organizações.

Tabela 2: Dados Processos Trabalhistas 15ª Região-Campinas

PROCESSOS TRABALHISTAS					
EMPRESAS	2010	2011	2012	2013	2014
EMBRAER	35	62	58	52	54
PILKINGTON	1	0	6	14	46
FORD MOTOR	8	8	7	11	62
VOLKSWAGEN DO BRASIL	95	66	96	322	458

Fonte: Organizado pelos autores a partir dos dados TRT da 15ª Região

Figura 7: Processos Trabalhistas em porcentagem

Fonte: Elaborada pelos Autores

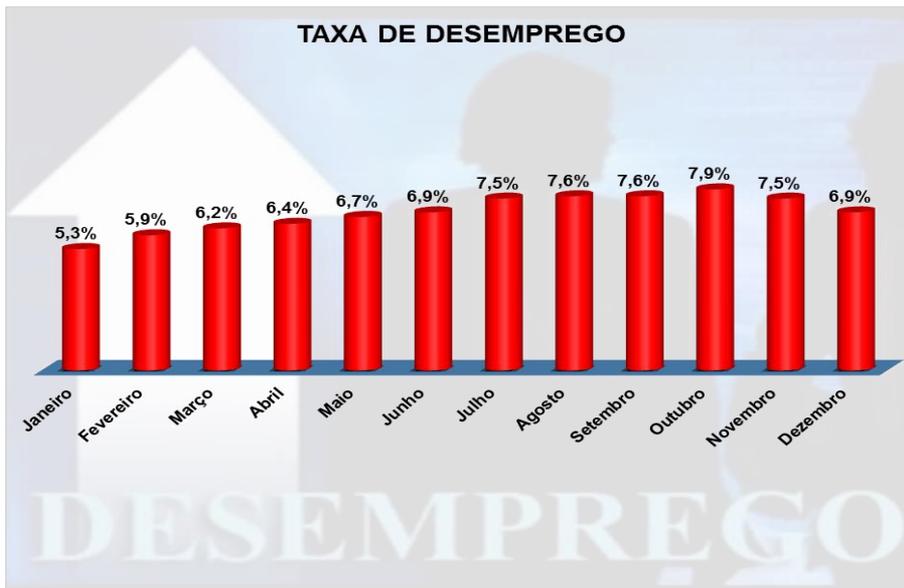
Novas relações de cunho empregatício e salarial emergem no mercado, causando controvérsias e conflitos de cunho ideológicos e empresarias, conforme destaca Moraes (2013), pois o empregado, antes industrial, passa a ser um empregado de prestação de serviços. O piso industrial é mais alto, o piso prestação de serviços é mais baixo, sendo esses fatores cruciais para intensos debates acerca das profundas mudanças por quais passam o emprego no contexto global.

No que diz respeito ao mundo do trabalho, pode-se presenciar um conjunto de tendências que, em seus traços básicos, configuram um quadro crítico e que tem direções assemelhadas em

diversas partes do mundo, onde vigora a lógica do capital. (ANTUNES, 2011, p. 37).

Na Figura 8, pode-se observar que a taxa de desemprego vem aumentando em uma intensidade muito grande desde o início do ano de 2015.

Figura 8: Evolução da Taxa de Desemprego



Fonte: Elaborada pelos Autores a partir IBGE (2015)

Segundo Bridges (1995, p. 33), o desaparecimento dos empregos é, a cada mês que passa, cada vez mais uma “mudança que já aconteceu”. Também é uma mudança que pode ser explorada por pessoas e organização que saibam como fazê-lo. Mesmo que não se tenha uma mentalidade voltada à inovação, é preciso lidar com essa mudança, porque é uma dessas mudanças no ambiente socioeconômico que, com toda a certeza, deixarão obsoletas as pessoas e instituições que a negarem.

Considerações finais

Pretendeu-se neste artigo fazer uma análise entre geração de emprego e conflitos trabalhistas sobre o mercado de emprego formal na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, focando a sub-região 1, polo

industrial, automobilístico e mecânico, e ainda um centro regional de comércio de serviços.

Como a proposta do artigo permeia o mercado de trabalho, considerou-se importante contextualizar Mercado de trabalho, por meio de conceitos e entendimentos teóricos. Constata-se que as empresas buscam, enfim, adaptar-se às novas exigências de competitividade para garantir presença na nova configuração do mundo globalizado. Tal mudança vem promovendo alterações na estrutura e dinâmica do mercado de trabalho, tendo como consequência o desemprego, a precarização nas condições e relações de trabalho, diminuição do emprego industrial, redução do trabalho assalariado com registro e aumento do trabalho sem registro temporário. Enfim, há um aumento da participação do setor informal, do trabalho flexível e o agravamento da exclusão social. Pode-se afirmar que o desemprego tem sido resultado das transformações que se espalharam no mercado de trabalho e nas bases produtivas e organizacionais, gerados pelo fenômeno da globalização. Além disso, podemos acrescentar a própria crise que tem atingido a economia mundial.

Posteriormente, apresentamos os dados da região baseados no perfil dos municípios embasados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados-CAGED, dados site do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em que ficou evidenciado que a Indústria de Transformação é um setor instável na geração e conservação das vagas do emprego formal, acarretando aumento nos conflitos trabalhistas, principalmente nas empresas do polo industrial. A pesquisa mensal do emprego, feita pelo IBGE, mensura aumento na taxa de desocupação a cada mês (pessoas desempregadas).

Dessa maneira, conclui-se que as Relações de trabalho na indústria na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, devido às mudanças estruturais, afetaram o mercado de trabalho, contribuindo para o aumento do desemprego e para a geração de conflitos. Cabe àqueles que se preocupam em esboçar políticas públicas para combater o desemprego, não buscar apenas medidas paliativas para amenizá-las, mas, principalmente, políticas estruturais, econômicas e sociais em âmbito nacional, estadual, regional e local para reestruturar o mercado de trabalho buscando a geração de emprego.

Diante das mudanças na organização do processo produtivo e do trabalho, a terceirização e a multifuncionalidade parecem ser uma tendência nas empresas futuramente, assim como a Economia Solidária, uma alternativa frente às transformações no mercado de trabalho.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-48.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Caged**. Disponível em: <<http://estatística.caged.gov.br/>>. Acesso em: 01/09/ 2015.
- BRASIL. **Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região**. Disponível em: <<http://portal.trt15.jus.br/consulta-processual>> Acesso em: 01/09/ 2015.
- IBGE. **Pesquisa mensal de emprego**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01/10/2015.
- BRIDGES, William. **Mudanças nas relações de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- NISHIMURA, Sandra Regina. **Grupos de geração de trabalho e renda na construção da economia solidária em Londrina - PR**. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.
- POCHMANN, Marcio. O curso atual da divisão internacional do trabalho. In: POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, p. 21-46.
- _____. Marcio. **O trabalho sob o fogo cruzado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SÃO PAULO. Secretaria do Desenvolvimento Metropolitano. **Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte**. Disponível em:<http://www.emplasa.sp.gov.br/emplasa/conselhos/ValeParaiba/textos/livro_vale.pdf> Acesso em: 01/10/2015.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOJA, Edward William. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.